



Um dia pra vadiar

CIDADE Bairro plasmado no imaginário da baianidade, Itapuã volta a ser celebrado, desta vez pela cultura popular e luta por sobrevivência no Carnaval da Viradouro no Rio de Janeiro



GILSON JORGE

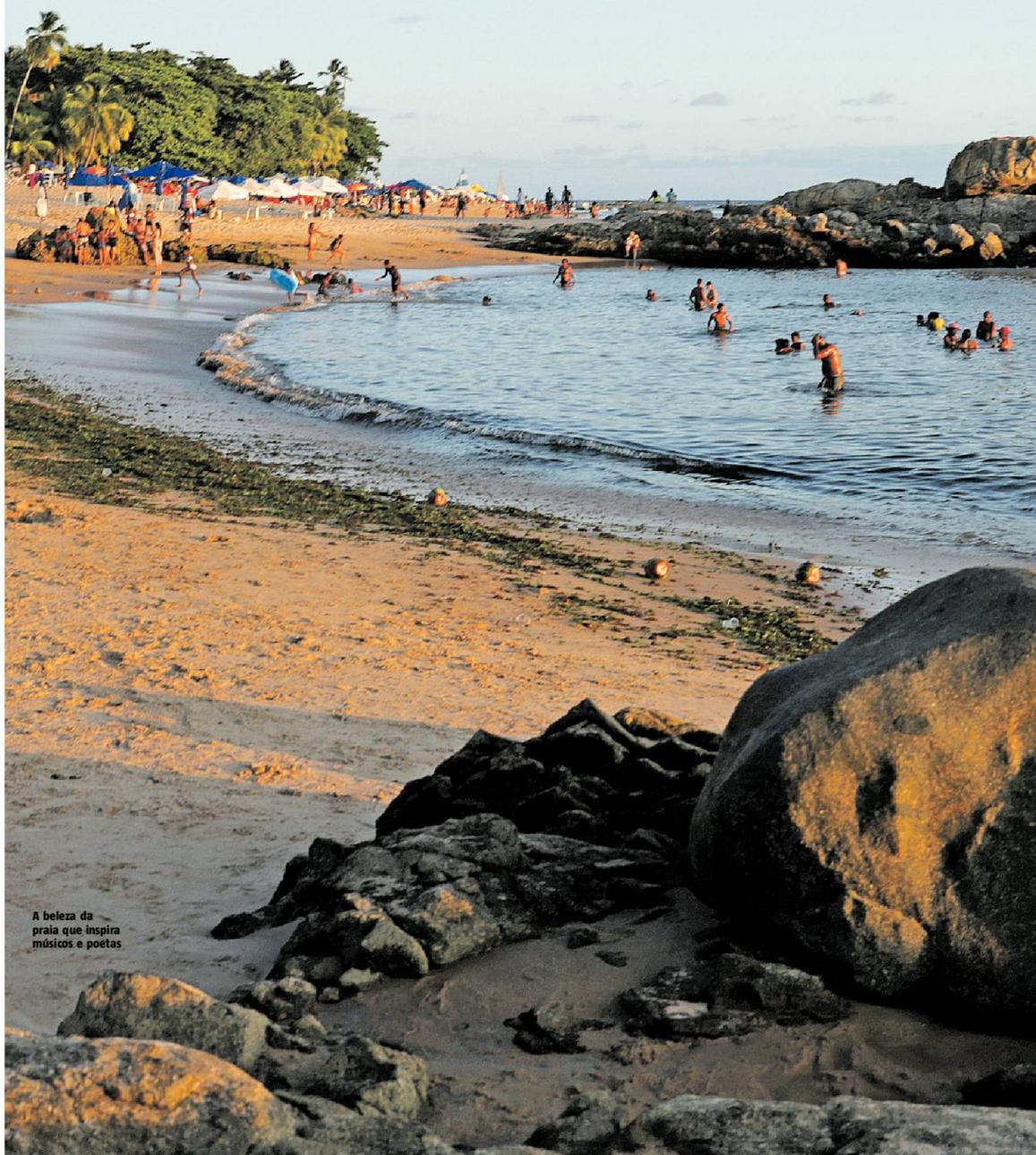
Imagine-se montando em um cavalo às 4h, cavalgando pela areia da praia sob um céu estrelado e vendo o dia raiar. Não é uma música de Dorival Caymmi, mas o jeito que os moradores de Itapuã tinham de chegar antes das 9h ao local hoje conhecido como Calçada, no início do século passado.

A antiga vila de pescadores de origem indígena, que inspirou Dorival Caymmi e Caetano Veloso, dentre outros, cresceu muito e de forma desordenada ao longo desse período.

Bares, som alto e insegurança afetaram a imagem bucólica do paraíso com incríveis formações rochosas, brisa, praias tranquilas e uma lagoa escura ardeada de areia branca. Mas ainda há motivos para se passar uma tarde em Itapuã.

No ano em que se completam 40 anos da morte do morador mais ilustre do bairro, o poeta carioca Vinícius de Moraes, Itapuã volta a chamar a atenção do País como destaque no Carnaval do Rio.

CONTINUA NA PÁGINA 2



A beleza da praia que inspira músicos e poetas

GILSON JORGE

Um dia depois da estreia do Male Debalé, bloco afro com sede em Itapuá, no Carnaval de Salvador 2020, e a 1.632 km da capital baiana, 20 mulheres do grupo As Ganhadeiras de Itapuá entrarão na Marquês de Sapucaí, às 22h30, do dia 23 de fevereiro, como homenageadas da Unidos do Viradouro.

Assim como aconteceu com as canções de Caymmi inspiradas na vila dos pescadores, e dos afrosambas impulsionados por Vinícius de Moraes nas décadas de 1960 e 1970, o mais poético dos bairros soteropolitanos vai entrar outra vez em evidência.

Criado em 2004 pelo coordenador da Casa da Música, Amadeu Alves, o grupo resgata através da arte a tradição de mulheres negras do bairro que ganhavam o sustento no século 19 lavando roupas da classe média na Lagoa do Abaeté ou vendendo peixes e outros alimentos em balaies pela cidade.

Itapuá tenta resistir à ação do tempo. "Temos uma raiz histórica muito forte", afirma Alves, nativo do bairro que também é integrante da ONG Grupo de Revitalização de Itapuá, cujo acrônimo, Grita, não deixa de ser curioso em um bairro assolado pela poluição sonora. Nos últimos anos, sempre figura entre os locais com mais denúncias.

Bares com música ao vivo nas alturas e automóveis com alto-falantes não são uma exclusividade local. Todo mundo lembra do carro do ovo, não? Mas o barulho feriu de morte a imagem que havia sido consolidada da antiga vila de pescadores, primeiro por Caymmi e depois por Vinícius.

Depois de estacionar o carro a dois quilômetros do Farol da Barra e sair caminhando com a esposa, na intenção de lhe mostrar o barzinho da orla em que tinha escutado MPB na sua primeira visita a Salvador, em 2013, o administrador de empresas brasileiro Sandson Azevedo teve que passar batido. "Há uma outra *vibe* lá, com sertanejo, samba, pagode", relata Sandson. "Não estou dizendo que é pior ou melhor, mas não remete mais àquela calma da *música*".

Sua mulher, a psicóloga Helen Alves, não ficou particularmente impressionada com o Farol de Itapuá. "Eu tinha visto a foto, sabia que era mais simples do que aquele de Salvador, que tem uma estrutura melhor ao redor", afirma, referindo-se ao Farol da Barra, como se Itapuá fosse um lugar não soteropolitano.

Candeeiros

No início do século passado, a maior zoeira para crianças era a chance de correr com candeeiros nas mãos a fim de iluminar a pista para os pousos noturnos de aviões da francesa Aeropostale, que trazia cartas da Europa, como narra a escritora Tania Risério d'Almeida Gandon, no livro *A Voz de Itapuá*.

O desafio atual para o bairro vizinho ao aeroporto é ser parte da cidade e manter a tranquilidade do passado. Algo que é razoavelmente possível para os condomínios de classe média alta em ruas onde quase não circulam veículos de não moradores.

A mesma tranquilidade que se diz há 35 anos Hamilton Souza, que saiu ainda criança do sertão, de Serra Preta, município vizinho a Feira de Santana, para reencontrar parte da família. Tinha medo de água. Quando viu Itapuá pela primeira vez, emocionou-se e perguntou ao pai, que trabalhava em uma barraca, se aquilo tudo era o mar. Agora fala que Itapuá é seu país. Uma terra que começou a abraçar como quem segura em uma boia para não submergir.

Apresentado aos salva-vidas, que lhe ensinaram a nadar, aos 11 anos torcia secretamente para que houvesse afogamentos na praia. Assim podia segurar na parte rasa da praia a corda que os seus novos amigos vestidos de vermelho jogavam durante a operação de socorro. "Eu sentia que estava ajudando a salvar uma vida", lembra Hamilton. Mas não era isso que pensavam os salva-vidas, que gritavam rindo que o moleque era meio doído.

Com o incentivo de um empresário que morava de frente para o mar, Hamilton aprendeu a usar barco a vela, windsurfe caiaque. Numa época em que Itapuá estava repleta de barracas de praia com uma superestrutura, e tinha competições marítimas que levavam para o bairro a classe média de outras regiões da cidade, Hamilton, já adulto, virou instrutor de esportes náuticos, sobretudo para turistas.



As Ganhadeiras de Itapuá serão homenageadas pela Viradouro

■ CAPA ■

Coisas da Bahia



Uendel Galter / Ag. A TARDE

Para Hamilton, comerciante, Itapuá é o "país" dele



Uendel Galter / Ag. A TARDE

Os turistas Helen e Sandson: outra *vibe*



Raül Spinassi / Ag. A TARDE

A gerente Tamiris Drummond: "Clientes gostam da sensação de almoçar ou jantar na casa de Vinícius"

Com o fechamento das grandes barracas, que ocupavam uma imensa faixa de areia com seus bancos e sombreiros, e o consequente afastamento do público ligado a esportes, Hamilton teve que abrir a sua pequena barraca: o Escritório do Guardião do Mar. "Eu vendo bebida, mas meu sonho é voltar a alugar caiaque", declara.

O fechamento das barracas também diminuiu drasticamente a renda dos pescadores, que perderam as encomendas de peixe fresco desses comerciantes. "Com o óleo (vazamento de óleo nas praias, no ano passado), diminuiu o movimento ainda mais. Só quem compra é o comedor", diz o pescador Hélio Silva Ribeiro, referindo-se ao consumidor final do próprio bairro.

Pescadores

A vida simples dos pescadores foi o primeiro ícone itapuázeiro, eternizada na música. Dorival Caymmi já estava no Rio de Janeiro quando começou a fazer sucesso narrando as coisas da Bahia. "O que Caymmi fez foi contar o que via em seus veraneios", diz o escritor Luiz Eduardo Dória, autor de *História de Salvador em suas ruas*, que atualmente pesquisa as pedras do mar da capital baiana.

O Rio de Janeiro cruzou outra vez com Itapuá quando a atriz e modelo baiana Gessy Gesse conheceu por lá o poeta Vinícius de Moraes. Os dois viajaram ao Uruguai, se apaixonaram e o poeta construiu em 1971 o imóvel que seria a residência do casal durante sete anos. Adquirido por empresários, o imóvel manteve a base do projeto dos arquitetos Jamison Pedra e Sílvio Robatto, e foi transformado na Casa di Vina, restaurante e memorial, com diversos artigos pessoais do diplomata que virou uma espécie de embaixador do bairro.

Um calção de banho, velho, um biquíni de Gessy, uma máquina de datilografia Smith Corona Classic, fotos, recortes de jornal, obras de arte e algumas de suas bebidas preferidas. Um licor Southern Comfort, um bourbon Jim Bean e dois uísques, Old Parr e Black White, todos com menos da metade do conteúdo.

O suficiente para abrir o apetite sobre a Itapuá de Vinícius. "É a história do Brasil. É muito emocionante. Para quem conhece, é importante estar aqui e ver isso", afirma a analista de recursos humanos paulistana Prisciane Braga, que pegou um ônibus na Barra só para conhecer a casa.

"Os clientes gostam da sensação de almoçar ou jantar na casa de Vinícius", diz a gerente Tamiris Drummond, pentaneta de outro poeta, Carlos Drummond de Andrade. No próximo Carnaval, quando a Viradouro desfilou no Sambódromo, haverá outro encontro entre o Rio e o mar de Itapuá.